

# A AFIRMAÇÃO DO CRISTIANISMO APÓS O EDITO DE MILÃO

Daniel LonghiniVicençoni<sup>1</sup>

## Resumo

O presente trabalho traz algumas reflexões acerca da afirmação do Cristianismo no século IV e V d. C., especialmente no contexto do Império Romano. Para compreender o avanço da Igreja Católica neste período, é necessário entender a crise que se manifesta a partir de finais do séc. II d. C., momento em que se percebe uma transformação da organização social entre os romanos. A crise, que se caracteriza por apresentar fatores externos e internos, contribui para o empobrecimento das camadas inferiores, assim, possibilitando uma rápida difusão dos ideais cristãos no fim do séc. III d. C. A partir deste contexto que surge Constantino, imperador romano que em 313 d. C., promulga o Edito de Milão, proibindo a perseguição aos cristãos e concebendo a todos os indivíduos liberdade na escolha de sua prática religiosa.

**Palavras chave:** Constantino; Cristianismo e Império Romano.

---

<sup>1</sup>Daniel LonghiniVicençoni, graduando do curso de História na Universidade Estadual de Maringá (CVR).

## INTRODUÇÃO

A partir dos finais do séc. II d. C., começaram a aparecer as primeiras manifestações da crise que se prorrompeu por todo o Império Romano. É importante destacar que ela não afetou com a mesma intensidade todas regiões daquele: cada parte sofreu, com proporções diferentes, seus efeitos. É perceptível, porém, que ocorreu uma crise generalizada, para a qual, alguns fatores podemos apontar, como, por exemplo: instabilidade do sistema, anarquia militar e as invasões bárbaras.

A crise foi alastrada por fatores externos, entre eles podemos ressaltar as invasões bárbaras e também por fatores internos de ordem propriamente política assim como social e econômica. As guerras eram frequentes, e a capacidade de defesa estava comprometida. “Após a morte de Cómodo o império atravessou um período de anarquia militar, durante o qual se viu a purpura posta em leilão para encontrar comprador.”(SERRANO, 1932, p. 165). Além da anarquia militar, os romanos possuíam mais preocupações: “As fronteiras, mal defendidas, eram transpostas pelos Bárbaros; os Francos, os Alamanos e os Godos aproveitavam a confusão para penetrar no império, que se desorganizava.” (SERRANO, 1932, p. 165).

É a partir deste contexto de crise, que o cristianismo difunde-se com rapidez dentro do Império, atraindo, assim, muitos adeptos e lhes oferecendo mais esperança em relação a vida no próprio Império e, sobretudo, uma visão escatológica de vida pós morte. Funari observa:

[...] muitos romanos, assustados com as consequências da crise, procuraram consolos nas crenças religiosas. A religião oficial já não lhes propiciava paz de espírito e foram, portanto, procurar certezas e tranquilidades em outras religiões, rompendo com as tradições romanas. O cristianismo era uma das opções e atraiu muita gente dando esperança (2001, p. 130-131).

Inicialmente, o cristianismo não foi bem aceito entre os romanos: a conduta de vida que os seguidores de Cristo deveriam tomar eram contrárias dos costumes romanos. Assim, observa Serrano:

Accusados de toda espécie de crimes hediondos, réus principalmente do crime de lesa-majestade, pois, observando o

preceito de Jesus “Dae a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, se recusavam a render culto aos Imperadores, os Christãos tiveram de sofrer as terríveis consequências do ódio e do desprezo” (SERRANO, 1932, p. 162).

A aceitação dos romanos perante os cristãos não foi rápida e simples. “E iniciou-se uma longa luta entre “a seita” e o poder” (GRIMAL, 2011, p. 155). Os imperadores preocupados com a difusão do cristianismo intensificaram as perseguições a eles, desde Nero (século I d. C.) até o século IV d. C. As perseguições causaram um resultado inesperado “mas o efeito que produziam era multiplicar as conversões, e Tertulliano podia em verdade afirmar que o sangue dos martyres era uma semente de christãos”(SERRANO, 1932, p. 163).

Mas é a partir do séc. III d. C., que os imperadores percebem que seria mais interessante deixar de se opor ao cristianismo, e sim, se aliar a ele. Constantino, parte do princípio de apaziguar a relação com os cristãos, e assim em 313 d. C., promulga o Edito de Milão, proibindo a perseguição aos cristãos e autorizando os indivíduos do Império praticarem a religião que preferissem.

### **A perseguição aos cristãos**

A ascensão do cristianismo tem como parte em sua história uma sequência de perseguições aos adeptos de sua fé. Visivelmente percebemos que os cristãos possuíam obrigações diferentes e irreconciliáveis quando comparados aos outros romanos. “Um cristão não podia fazer sacrifícios aos deuses nacionais. Também não podia, ao que parece, prestar juramento ao Imperador nas formas habituais” (GRIMAL, 2011 p. 154).

Aos poucos, foi se criando um ar de desconfiança e negação aos cristãos. Por seguirem fielmente seus costumes, os seguidores de Cristo foram sofrendo acusações falsas, como afirma Grimal:

Ademais, em meio a calúnias, os cristãos foram acusados de se reunirem secretamente à noite e se entregarem a práticas abomináveis, de matar crianças para interrogar suas entranhas; também foram acusados de serem os “inimigos do gênero humano”, porque repetiam que “seu reino não era deste mundo”, e que seu Deus só triunfaria no dia em que, voltando em toda a sua glória, Ele

destruísse o mundo para dar lugar ao reino de Justiça – onde só os cristãos teriam lugar (GRIMAL, 2011 p. 154-155).

As perseguições se intensificaram desde Nero (século I d. C.) até as últimas no séc. IV d. C. Mas, é perceptível que no decorrer das perseguições, o número de cristãos também aumenta assim como a quantidade de mártires.

Com a intensificação das perseguições, se possível que se esperasse, até, o fim do cristianismo ou uma queda substantiva na quantidade de seus adeptos (membros). Não obstante, não foi o que acabou acontecendo: “Os açoites, o cavalete, a cruz, as unhas de ferro, o fogo lento, os animais ferozes, tudo se experimentou para vencer a constância cristã. Em vão. Em vez de diminuir, o número dos crentes aumentava” (SERRANO, 1932 p. 162).

É visível que alguns motivos fundamentais influenciaram a perseguição aos cristãos tais como as diferenças verificadas no estilo de vida dos cristãos (que passavam a se reunir em pequenas ou médias igrejas, vistas com olhares de reprovação por parte da aristocracia romana da época) assim como a recusa em prestar honras (o chamado culto ou homenagem divina) ao imperador tal como concebido e exigido naquele momento. São várias querelas que espoucam entre os cristãos e os não-cristãos do Império. “A alma passou a ter outra relação com a divindade: o temor aos deuses foi substituído pelo amor a Deus” (COULANGES, 2003 p. 414). Era inconcebível para muitos, aceitar suas crenças, “os magistrados, os juízes, mesmo o imperador vieram a considerar os cristãos como criminosos de direito comum, conspiradores malfazejos, dos quais era preciso purgar a terra” (GRIMAL, 2011 p. 155).

Com Cristo surge uma nova perspectiva de vida: “Com o cristianismo, não só o sentimento religioso se reavivou, mas dirigiu-se a metas mais elevadas e menos materiais” (COULANGES, 2003, p. 412). Com a crise que se consolidaria nos anos finais do séc. II d. C., o cristianismo se difundiu rapidamente pelo Império Romano; expansão que foi possível pela visão escatológica de vida pós morte e consolo que o cristianismo oferecia aos romanos; eles que passavam por momentos de dificuldade. Gibbon ainda acrescenta outros fatores para a rápida difusão da fé cristã:

[...] A doutrina de uma vida futura, valorizada por toda e qualquer circunstância ocasional que pudesse dar peso e eficácia a essa importante verdade. III. Os poderes miraculosos atribuídos à Igreja

primitiva. IV. A pura e austera moralidade dos cristãos (GIBBON, 2005, p. 236).

É perceptível que mesmo com as perseguições aos cristãos, seu número não deixou de aumentar, pelo contrário, “mas o efeito que produziam era multiplicar as conversões, e Tertulliano podia em verdade afirmar que o sangue dos martyres era uma semente de cristãos”(SERRANO, 1932, p. 163). É neste contexto de ascensão da fé cristã que Constantino vai se aliar com os cristãos, promulgando o Edito de Milão em 313 d. C., pondo fim às perseguições.

## **CONSTANTINO E O EDITO DE MILÃO**

A incrível difusão do cristianismo pelo Império Romano se faz ponto crucial para compreender a situação histórica na qual Constantino promulga o Edito de Milão. Desde a crise que se apresenta em fins do séc. II d. C., a fé cristã surge como conforto aos pobres e desconsolados que sofrem com os principais problemas do Império; a visão escatológica de vida pós-morte confortava o coração dos cristãos.

O cristianismo com sua moral, provoca um clima de tensão entre os não adeptos a fé cristã; não havia culto ao imperador, fator crucial para se entender o início das perseguições. “E quantos mortos, quantos mártires, conscientes de sua inocência” (GRIMAL, 2011, p.156). Mas, incrivelmente, mesmo com tantas mortes, o número de cristãos só aumentou. E, partindo da ascensão do cristianismo, é visível a importância da fé cristã para o Império Romano.

Constantino I, o grande, foi quem promulgou o Edito de Milão, que proibia a perseguição aos cristãos e tornava o culto a qualquer religião livre. Sem dúvidas, a afirmação da fé cristã, se tornou possível por causa da pessoa de Constantino, que percebeu a importância do cristianismo para o Império Romano.

A figura de Constantino surge em meio a disputas pelo Império, Serrano discorre sobre:

Fatigado do poder, depois de completar a reforma da administração imperial, Diocleciano retirou-se para Salona (305), abdicando igualmente Maximiano. Os dois Césares, agora Augustos, escolheram para novos Césares a Severo e Maximino Daia. Os

soldados porém, aclamaram Augusto a Constantino, filho de Constância Chloro. Maximiano retomou a purpura, assim como Maxêncio, seu filho, assumiu o título de Augusto. Houve ao mesmo tempo 6 imperadores (SERRANO, 1932, p. 166).

Mas, é na Batalha da Ponte Mílvio em 312 d. C., vencida por Constantino contra Maxêncio, que se encerram as lutas civis. Foi durante essa luta que Constantino supostamente teve uma visão, a qual o levaria a se converter ao cristianismo: ele teria visto desenhado no céu uma cruz com as palavras *in hoc signo vinces*. Após essa visão, ele vence Maxêncio e triunfa como único imperador romano.

Há uma longa discussão por parte da historiografia acerca da veracidade da visão de Constantino. Mas, é perceptível que Constantino já imaginava o que poderia significar “aliar-se” ao cristianismo; sua rápida difusão pelo Império, tornava a fé cristã assunto importante a se tratar. E a partir desse pensamento, que Constantino promulga o Edito de Milão em 313 d. C.

O cristianismo que passou por séculos de perseguições, encontra relativa paz a partir do Edito de Milão. “Finalmente, no início do século IV, quando o Império saía de uma longa crise em que quase perecera, Constantino decretou que o culto cristão tornar-se-ia uma religião oficial” (GRIMAL, 2011 p. 155). É fato que juntamente com o Edito, viria a afirmação do cristianismo. “O advento de Constantino assinalou-se pelo triunfo do Christianismo que graças ao Edito de Milão (313) pôde enfim ser livremente professado” (SERRANO, 1932 p. 167). Constantino entendia que não havia motivos para se perseguir os cristãos, seria mais conveniente se aliar a fé cristã. Assim afirma Grimal:

A seus olhos, parece, era a forma de fazer que uma parte cada vez mais importante da população colaborasse com a conservação do Império, cativando, pelos laços do reconhecimento, as numerosas igrejas semiclandestinas, semirreconhecidas que reuniam os fiéis através de todas as províncias (GRIMAL, 2011 p. 155).

As implicações do Edito de Milão para o cristianismo são notáveis; a partir da promulgação, percebemos que a fé cristã cresce ainda mais. Coulanges vai discorrer sobre:

O culto passou a não ser secreto; os ritos, as orações, os dogmas, nunca mais foram escondidos, pelo contrário, desde então se passou a ministrar um ensino religioso, dado e oferecido, levado até os mais remotos povos, que vai ao encontro do homem mais indiferente. A idéia de propagação substitui a lei de exclusão (COULANGES, 2003, p. 415).

Constantino permite com a promulgação do Edito de Milão em 313 d. C., a difusão e afirmação do cristianismo. O crescimento quantitativo de adeptos a fé cristã é notável. Aliando-se aos cristãos, Constantino viu uma maneira de reestruturar o Império Romano; missão impossível sem a concessão feita aos cristãos através do Edito de Milão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compreender a crise que se instala no Império Romano em fins do séc. II d. C., se torna fundamental para entender como o cristianismo se difundiu rapidamente com suas mensagens e consolos, principalmente aos pobres. E mesmo com as perseguições sofridas, o número dos seguidores de Cristo só aumentou.

A partir da rápida difusão do cristianismo, é possível compreender os motivos que levaram Constantino a se converter e promulgar em 313 d. C., o Edito de Milão, decretando o fim das perseguições aos cristãos e autorizando a prática de seus cultos. É perceptível que a afirmação do cristianismo no Império Romano, efetiva-se com a publicação daquele documento.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

COULANGES, Fustel. **A Cidade Antiga**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2001.

GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império Romano**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

GRIMAL, Pierre. **História de Roma**. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

SERRANO, Jonathas.**Epitome de História Universal**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1932.